



A IMPORTÂNCIA DA MUSICOTERAPIA NO AMBIENTE HOSPITALAR

THE IMPORTANCE OF MUSIC THERAPY IN THE HOSPITAL

Anita Brum Marostegan

Doutora

Centro Universitário Einstein de Limeira - UniEinstein

anitabrum@gmail.com

Kleber Rodrigues da Costa

Bacharel em Enfermagem

Centro Universitário Einstein de Limeira-UniEinstein

solarworksscosta@gmail.com

Arizangele Bezerra dos Santos de Oliveira

Especialista

Centro Universitário Einstein de Limeira - UniEinstein

arisangele@gmail.com

Rosângela Pereira Britto

Especialista

Centro Universitário Einstein de Limeira- UniEinstein

kikabritto@hotmail.com

RESUMO

A área da saúde tem priorizado um atendimento humanizado e multidisciplinar. No contexto hospitalar, especialmente em situações sem possibilidade de cura ou em cuidados paliativos, os desafios aumentam, exigindo da enfermagem estratégias que promovam qualidade de vida e suporte psicológico. Nesse cenário, a musicoterapia destaca-se como uma intervenção relevante, utilizando a música para estimular o bem-estar e contribuir para o equilíbrio de parâmetros fisiológicos. Aplicada de forma ativa ou passiva, atua em áreas cerebrais relacionadas às emoções, memória e comportamento, proporcionando benefícios físicos, cognitivos e emocionais. Diante disso, este trabalho tem como objetivo explorar e reunir os benefícios da musicoterapia nos ambientes hospitalares, bem como descrever o papel da enfermagem na sua aplicação e na promoção do cuidado integral. Evidências mostraram eficácia em contextos como oncologia, doenças neurodegenerativas e saúde mental. Também beneficia profissionais de enfermagem, reduzindo estresse e fortalecendo vínculos, consolidando-se como uma estratégia humanizada e acessível.

Palavras-chave: Musicoterapia. Enfermagem. Humanização da saúde. Benefícios da musicoterapia. Musicoterapia no atendimento hospitalar.

ABSTRACT

The health sector has prioritized humanized and multidisciplinary care. In the hospital context, especially in situations without the possibility of cure or in palliative care, the challenges increase, requiring nursing strategies that promote quality of life and psychological support. In this scenario, music therapy stands out as a relevant intervention, using music to stimulate well-being and contribute to the balance of physiological parameters. Applied actively or passively, it acts on brain areas related to emotions, memory and behavior, providing physical, cognitive and emotional benefits. Therefore, this work aims to explore and bring together the benefits of music therapy in hospital environments, as well as describe the role of nursing in its application and in promoting comprehensive care. Evidence has shown efficacy in settings such as oncology, neurodegenerative diseases and mental health. It also benefits nursing professionals, reducing stress and strengthening bonds, consolidating itself as a humanized and accessible strategy.

Keywords: Music therapy. Nursing. Humanization of health. Benefits of music therapy. Music therapy in hospital care.

INTRODUÇÃO

A musicoterapia é milenar, uma vez que já era utilizada pelos personagens bíblicos para expressar sentimentos como angústia, tristeza e alegria. Davi era chamado para tocar harpa para Rei Saul a fim de acalmar seu coração, com sua arte conseguia sossegar o rei, que tinha o espírito perturbado. O jovem era um músico talentoso e criava melodias belíssimas,

historiadores relatam que Saul estava enlouquecendo pela inveja, e quando Davi tocava, a angústia e os pensamentos ruins deixavam Saul em paz (Bíblia Sagrada, 1 Samuel 16:14-23). A relação entre música e saúde ganhou relevância prática no século XIX com Florence Nightingale, pioneira da enfermagem moderna. Durante a Guerra da Crimeia (1853–1856), Nightingale utilizou a música como estratégia para aliviar a dor e a ansiedade dos soldados feridos, observando melhora no bem-estar e redução das taxas de mortalidade (Lopyola; Oliveira, 2021; De Andrade Ponta; Del Llano Archondo, 2021). Seu legado reforçou a importância de uma assistência pautada na sensibilidade, empatia e humanização, princípios que se consolidaram como pilares da enfermagem moderna.

A musicoterapia é atualmente reconhecida pelo Ministério da Saúde como uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), por meio da Portaria nº 849/2017, e regulamentada na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) (Brasil, 2017). Essa prática é definida pela União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM, 2018) como o uso sistemático da música e de experiências sonoras com objetivos terapêuticos voltados à promoção, prevenção e reabilitação da saúde física, emocional e social. A *World Federation of Music Therapy* (WFMT, 2011) amplia essa definição, ressaltando o uso profissional e ético da música em contextos médicos, educacionais e comunitários, considerando as dimensões culturais e espirituais do indivíduo.

No contexto da enfermagem, a musicoterapia vem sendo incorporada como tecnologia leve e humanizada de cuidado, alinhada às diretrizes da Política Nacional de Humanização (PNH), que valoriza o acolhimento, a escuta ativa e a dignidade do paciente (Brasil, 2025). A atuação do enfermeiro, que mantém contato direto e prolongado com o paciente, torna-se essencial para o uso terapêutico da música, fortalecendo o vínculo e promovendo o conforto emocional durante o processo de hospitalização (Moura *et al.*, 2025; Turchetti *et al.*, 2022).

Pesquisas recentes comprovam a eficácia da musicoterapia em diversas áreas da saúde, incluindo oncologia, cuidados paliativos, doenças neurodegenerativas, autismo, ansiedade e envelhecimento. Em pacientes oncológicos, a música atua na redução da dor e da ansiedade, além de favorecer o bem-estar emocional (Rodrigues *et al.*, 2025; Lima *et al.*, 2025; Japira; Ferreira, 2024). Em contextos neurológicos, a musicoterapia contribui para a melhora da coordenação motora e cognitiva em pacientes com doença de Parkinson e Alzheimer (Couto; Tavares, 2024; Caldeira *et al.*, 2024; Heuert *et al.*, 2025). Já em saúde mental, demonstra benefícios significativos na redução de sintomas de depressão e estresse (Ibiapina *et al.*, 2022; Coutinho *et al.*, 2024).

Além de beneficiar os pacientes, a música também exerce efeitos positivos sobre os profissionais de enfermagem, que enfrentam jornadas intensas e alta carga emocional. Estudos apontam que a escuta musical e a prática musicoterapêutica reduzem o estresse ocupacional e fortalecem o equilíbrio emocional desses trabalhadores (Batalha *et al.*, 2022). Assim, a musicoterapia não se restringe à intervenção clínica, mas amplia-se como ferramenta de cuidado humanizado e autocuidado profissional, em consonância com os princípios da saúde integral.

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi explorar e reunir os benefícios da musicoterapia nos ambientes hospitalares, bem como descrever o papel da enfermagem na sua aplicação e na promoção do cuidado integral compreendendo como essa prática pode humanizar o atendimento, fortalecer vínculos terapêuticos e promover qualidade de vida para pacientes e profissionais.

DESENVOLVIMENTO

Na revisão sistemática de Campos e Nakasu (2016), os autores apontam o uso da música com fins terapêuticos nos períodos da Pré-História e da Idade Antiga, com registros de que as doenças eram atribuídas a desequilíbrios entre o ser humano e forças sobrenaturais ou espirituais. Nesse contexto, a música era considerada um dom dos deuses e utilizada como ferramenta de cura, restaurando a harmonia do corpo e da alma. Essa prática refletia uma concepção integral do cuidado, na qual corpo, mente e espiritualidade eram indissociáveis. Posteriormente, a música é considerada divina e relacionada ao religioso na Idade Média, enquanto que no Renascimento, médicos voltaram a relacionar saúde e música nos tratamentos de pacientes. No fim do século XVIII, estudos foram realizados com a música no sistema sensorial humano e na circulação sanguínea, até o século XIX experimentos foram feitos em relação a música e o processo saúde-doença (Campos; Nakasu, 2016).

A enfermeira Florence Nightingale atuou na Guerra da Criméia (1853-1856), pioneira na enfermagem moderna, comandou o hospital durante a guerra, desenvolvendo várias técnicas de cuidado, sendo precursora da Reforma Sanitária e criadora de Escolas de Enfermagem (Lopyola; Oliveira, 2021). Além disso, aplicou música como ferramenta para aliviar a dor dos soldados feridos e nos casos pós cirúrgicos. Resultados apontaram a queda no número de óbitos e elevou o nível do atendimento da enfermagem, servindo como referência ainda nos dias de hoje (De Andrade Ponta; Del Llano Archondo, 2021).

No Brasil, há relatos de que a musicoterapia se desenvolveu inicialmente no Rio Grande do Sul, Paraná e Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro dos anos 50, o estágio de uma escola de música era realizado em instituições de reabilitação e saúde mental, ocasionando um aumento na procura pelo trabalho com pacientes de instituições de reabilitação e atendimento psiquiátrico. Posteriormente, o Hospital Pinel do Rio de Janeiro, ofereceu música para seus pacientes psiquiátricos onde mais tarde o coordenador dessas atividades, o psiquiatra e músico Dr. Jacques Nirenberg, se tornou presidente da Associação Brasileira de Musicoterapia. No Pará, a professora Clotilde Espínola Leinig estudou o tema “A Terapêutica da Música” buscando dados de instituições que usavam a musicoterapia regularmente, posteriormente criando um curso de especialização sobre a musicoterapia (1969) e a partir daí disseminando para outros estados brasileiros (Barcellos; Santos, 2022).

A Musicoterapia: Conceitos e Fundamentos

A musicoterapia é uma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) reconhecidas pelo Ministério da Saúde e tem sido amplamente estudada por seus benefícios no contexto hospitalar e na promoção da saúde integral e por ser de baixo custo. Sua aplicação na enfermagem reforça os princípios de humanização, empatia e cuidado centrado na pessoa, pilares fundamentais das políticas públicas de saúde brasileiras (Brasil, 2017; Brasil, 2025). Segundo a União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM), fundada em 1995, que se utiliza das palavras de Kenneth Bruscia publicadas no seu livro Definindo a Musicoterapia: “Musicoterapia é a utilização da música para alcançar objetivos terapêuticos: recuperação, manutenção melhoria da saúde física e mental”. Já no Brasil, a UBAM utiliza a definição realizada por um grupo de profissionais em 2018, que diz:

Musicoterapia é um campo de conhecimento que estuda os efeitos da música e da utilização de experiências musicais, resultantes do encontro entre o/a musicoterapeuta e as pessoas assistidas. A prática da Musicoterapia objetiva favorecer o aumento das possibilidades de existir e agir, seja no trabalho individual, com grupos, nas comunidades, organizações, instituições de saúde e sociedade, nos âmbitos da promoção, prevenção, reabilitação da saúde e de transformação de contextos sociais e comunitários; evitando dessa forma, que haja danos ou diminuição dos processos de desenvolvimento do potencial das pessoas e/ ou comunidades.

A World Federation of Music Therapy, fundada em 1985, define Musicoterapia como:

Music therapy is the professional use of music and its elements as an intervention in medical, educational, and everyday environments with individuals, groups, families, or communities who seek to optimize their quality of life and improve their physical, social, communicative, emotional, intellectual, and spiritual health and well-being.

Research, practice, education, and clinical training in music therapy are based on professional standards according to cultural, social, and political contexts. (WFMT, 2011).

Traduzido na íntegra:

Musicoterapia é o uso profissional da música e seus elementos como intervenção em ambientes médicos, educacionais e cotidianos com indivíduos, grupos, famílias ou comunidades que buscam otimizar sua qualidade de vida e melhorar sua saúde e bem-estar físico, social, comunicativo, emocional, intelectual e espiritual. A pesquisa, a prática, a educação e o treinamento clínico em musicoterapia baseiam-se em padrões profissionais de acordo com os contextos culturais, sociais e políticos. (WFMT, 2011).

A musicoterapia pode ser aplicada de forma ativa ou passiva, a primeira envolve a criação musical como cantar ou tomar um instrumento, a segunda está relacionada a escuta da música, podendo ser aplicada da forma que adapta melhor ao paciente. Além disso, as tecnologias vestíveis combinadas com inteligência artificial auxiliam no monitoramento em tempo real para ajustes da terapia visando melhores resultados (Fu *et al.*, 2025).

O processamento da música no cérebro envolve diversas estruturas, como o córtex auditivo, o tronco encefálico e o sistema límbico, este último intimamente ligado às emoções, às memórias de curto e longo prazo e às funções executivas. Essa ampla ativação cerebral explica por que a música tem um impacto tão significativo no ser humano: ela é capaz de modificar funções cognitivas, comportamentais e emocionais, influenciando diretamente a vida cotidiana, os relacionamentos sociais, o desempenho acadêmico e até mesmo a saúde física e mental (Muszkat; Carrer, 2024).

A pesquisa bibliográfica de Andrade Júnior (2018), selecionou 35 artigos, mostra que nos dias atuais, a musicoterapia contemporânea tem seu fundamento científico. A musicoterapia se estabelece na relação terapeuta e paciente, construindo um ambiente diverso e interativo, englobando os aspectos terapêuticos e não apenas histórico, cultural e universal. A musicoterapia com efeitos terapêuticos, exige interdisciplinaridade na formação profissional e no domínio da música como ferramenta de trabalho havendo a necessidade da inclusão da música na formação profissional em saúde e na oferta de assistência aos clientes.

A portaria nº 849, de 27 de março de 2017 inclui a musicoterapia à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) considerando ainda o reconhecimento pela Organização Mundial da Saúde (OMS) da incorporação da medicina tradicional e complementares no sistema nacional de saúde, ou seja, o reconhecimento das PNPIC pelo Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2017). Adicionalmente, a Resolução nº 570, de 09 de

março de 2018 atestada pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) insere a atuação da Musicoterapia na área de Enfermagem e Práticas Integrativas e Complementares.

No anexo dessa mesma portaria, resume-se a musicoterapia como:

É a utilização da música e seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia), em grupo ou de forma individualizada, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e restabelecer funções do indivíduo para que possa alcançar uma melhor integração intra e interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida.

É importante destacar que a utilização terapêutica da música se deva à influência que esta exerce sobre o indivíduo, de forma ampla e diversificada. No desenvolvimento humano a música é parte inerente de sua constituição, pois estimula o afeto, a socialização e movimento corporal como expressões de processos saudáveis de vida. A Musicoterapia favorece o desenvolvimento criativo, emocional e afetivo e, fisicamente, ativa o tato e a audição, a respiração, a circulação e os reflexos. Também contribui para ampliar o conhecimento acerca da utilização da música como um recurso de cuidado junto a outras práticas, facilitando abordagens interdisciplinares, pois promove relaxamento, conforto e prazer no convívio social, facilitando o diálogo entre os indivíduos e profissionais. (Brasil, 2017).

Buscando institucionalizar um atendimento cada vez mais humanizado, os hospitais públicos, conveniados e o Sistema Único de Saúde (SUS) incluíram em 2025, por meio da Lei 15.126, a atenção humanizada como um princípio legal obrigatório, ampliando o alcance da Política Nacional de Humanização (PNH), existente desde 2003, e reforçando diretrizes como acolhimento, empatia, escuta ativa e dignidade do paciente, em consonância com a promoção de uma saúde mais integra (Brasil, 2025). Portanto, há garantia que os serviços de saúde ofereçam acolhimento respeitoso, empatia, consideração à dignidade, sentimentos e necessidades dos pacientes.

A revisão integrativa de Pinheiro e colaboradores (2025), concluem que a música tem “força substancial” para melhorar os processos fisiológicos, emocionais e sociais com resultados positivos em crianças, adultos e idosos. Ainda, a musicoterapia torna o ambiente mais lúdico, mais confortável, mais seguro, melhora aspectos cognitivos, a socialização, interação de amigos e familiares, melhorou parâmetros hemodinâmicos, ventilatórios, melhorando humor, depressão e memória.

Musicoterapia em Cuidados Oncológicos e Paliativos

O tratamento do câncer muitas vezes tem um processo longo de adoecimento, tratamento e hospitalização, portanto esses pacientes passam por uma transformação física, psicológica, social e até espiritual (Lima *et al.*, 2025). Portanto, estratégias que possam minimizar efeitos negativos nesse processo podem beneficiar os pacientes e familiares. Além

disso, a musicoterapia atua efetivamente em todas as fases do tratamento do câncer de forma científica por mecanismos psico, neuro e fisiológicos (Fu *et al.*, 2025).

A revisão narrativa de Rodrigues *et al.* (2025), incluiu 9 estudos relacionando a musicoterapia aplicada aos cuidados oncológicos e mostrou resultados positivos em melhorar a percepção de dor dos pacientes com câncer e consequentemente, apresentar um efeito analgésico (pela liberação de hormônios), uma vez que a música ativa áreas cerebrais que estão relacionadas ao emocional e a percepção de dor. O mesmo estudo revelou que além dos pacientes, seus familiares e acompanhantes tem um melhor bem-estar, pois a música torna o ambiente familiar e acolhedor. Os autores concluem que a musicoterapia tem efeitos benéficos proporcionando alívio da dor e o bem-estar emocional dos pacientes.

Além disso, a revisão de Lima e colaboradores (2025), mostra que a musicoterapia pode reduzir a ansiedade, o medo e a tristeza desses pacientes e conclui que as intervenções terapêuticas sejam aliadas do paciente no enfrentamento da doença.

A pesquisa exploratória de Japira e Ferreira (2024), realizada com 29 pacientes oncológicos, com idades entre 32 e 92 anos e tempo de tratamento variando de duas semanas a 14 anos, também evidenciou que a musicoterapia reduz a tensão, aumenta a alegria, favorece a interação social e melhora a adesão dos pacientes ao tratamento, reforçando a importância de um cuidado humanizado. Além disso, os autores destacam que a música estimula reflexões sobre o processo de adoecimento, fazendo com que a doença seja compreendida como apenas uma etapa da vida, o que favorece a esperança e fortalece a espiritualidade dos pacientes. Já nos cuidados paliativos o foco é oferecer controle dos sintomas e melhora na qualidade de vida associados ao tratamento farmacológico, isso pode refletir na paz emocional e “enriquecimento emocional” (Fu *et al.*, 2025). Portanto, o papel fundamental da enfermagem em proporcionar o cuidado holístico, humanizado e baseado em ciências.

A importância da musicoterapia nos cuidados paliativos também se estende a crianças e adolescentes que, no ambiente hospitalar, vivenciam sentimentos de raiva, irritação e baixa energia. Além disso, o ruído do ambiente e o próprio tratamento comprometem a qualidade de vida e do sono desses pacientes. Na UTI neonatal, os pais também enfrentam elevados níveis de estresse, tanto psicológico quanto socioemocional. Nesse contexto, terapias holísticas aplicadas de forma integrativa, como a musicoterapia, são recomendadas por promoverem melhorias nas respostas neurofisiológicas, sociais e emocionais, além de fortalecerem o vínculo entre a família e o recém-nascido (Costa *et al.*, 2024).

A abrangência da Musicoterapia

A musicoterapia pode atuar como uma intervenção em diversas ocasiões a fim de conquistar resultado benéficos, como por exemplo, na doença de Parkinson, doenças neurodegenerativas, na doença de Alzheimer, na ansiedade e no envelhecimento.

A doença de Parkinson afeta as funções motoras do paciente e a musicoterapia foi utilizada no tratamento da marcha desses pacientes. Portanto, a revisão de sistemática de Couto e Tavares (2024) observou a intervenção da musicoterapia para melhorar parâmetros como cadência, velocidade, comprimento de passada e até redução do congelamento da marcha. Os estudos verificados utilizaram sincronização rítmica para aprimorar a marcha, e seu sucesso pode ser atribuído à compensação cerebelar, ao arrastamento rítmico, à aceleração do aprendizado motor e ao aumento da atividade cortical relacionada, observando uma relação auditivo-motora. Esses autores concluíram que a Musicoterapia Neurológica é um tratamento eficaz na melhora motora de pacientes com Parkinson, porém apontam a necessidades de mais estudos para melhorar e concretizar um protocolo adequado (Couto; Tavares, 2024).

Enquanto que a doença de Alzheimer promove uma degeneração da capacidade cognitiva implicando na perda de autonomia e aumento de sintomas como ansiedade, depressão e irritabilidade. A música pode promover a regulação emocional, a passiva pode melhorar a questão emocional do paciente, enquanto que a ativa (tocando um instrumento) pode melhorar a coordenação motora, criatividade e integração neural, sendo um eficiente tratamento não farmacológico para esses pacientes (Caldeira *et al.*, 2024). Um estudo mais recente, corrobora que a musicoterapia tem benefícios para os pacientes com a doença de Alzheimer e além da melhora do humor e qualidade de vida, apresenta melhoras no sono, na vida social e nas atividades de vida diária (Heuert *et al.*, 2025).

No autismo, a musicoterapia também apresentou benefícios na interação social e comunicação verbal e não-verbal. Além disso, de forma integrativa, ressaltam a importância da presença da família no desenvolvimento e melhora das atividades musicais melhorando a conexão da criança, da família, da expressão corporal e do toque. Ainda, a musicoterapia no ambiente escolar, possibilita melhora na comunicação e diminuição de comportamento agressivo (Dias; Cipullo, Jurdi, 2025).

O cuidado a saúde deve ser global e abrangente, portanto a musicoterapia possui benefícios na saúde mental, mostrando a melhora de sintomas da ansiedade e depressão podendo reduzir o consumo de fármacos (Ibiapina *et al.*, 2022). Sendo uma das doenças mais comuns na atualidade, a intervenção da musicoterapia pode auxiliar no relaxamento e bem-estar

resultando em mudanças neuropáticas, estrutural e funcional, efetivas no cérebro (Coutinho *et al.*, 2024).

O censo mostra o aumento da população idosa no Brasil com a perspectiva de mais crescimento nos próximos anos (IBGE, 2022), o que nos mostra a importância de um envelhecimento saudável. De acordo com um estudo realizado no Espírito Santo, a musicoterapia tem impacto direto na melhora das relações sociais, na recuperação e preservação da memória, no aumento da autoestima e na redução de sintomas de ansiedade, depressão e estresse. Além disso, favorece avanços na fala e na comunicação, contribui para a reabilitação de déficits motores e de marcha, auxilia no controle da pressão arterial em pessoas hipertensas e, em idosos saudáveis, promove um envelhecimento ativo (Pereira, 2025).

Ainda sobre a abrangência dos benefícios da musicoterapia, a revisão de Batalha *et al.* (2022) também demonstra efeitos benéficos da musicoterapia nas áreas de ginecologia, obstetrícia e neonatologia. A música apresentou influência positiva sobre o sistema cardiovascular, em pacientes no pós-operatório, na redução da ansiedade em crianças e em pacientes com epilepsia. Esses resultados evidenciam a ampla aplicação da musicoterapia em diferentes doenças, populações e contextos. No entanto, é necessário conhecimento técnico para que sua aplicação seja eficaz e proporcione benefícios ao paciente. Nesse sentido, no ambiente hospitalar, o enfermeiro é o profissional que permanece por mais tempo ao lado do paciente, o que o torna uma peça essencial nas práticas de humanização e no cuidado emocional (Casate; Corrêa, 2005). Nesse contexto, a musicoterapia surge como um recurso inovador e sensível, capaz de fortalecer o vínculo entre profissional e paciente, promovendo bem-estar e ampliando a dimensão relacional do cuidado.

Benefícios da musicoterapia no ambiente hospitalar e o papel da enfermagem

O ambiente hospitalar pode despertar sentimentos de medo, angústia, ansiedade e insegurança. A enfermagem pode utilizar a musicalidade como um recurso terapêutico para deixar esse ambiente mais acolhedor, sendo o enfermeiro, um facilitador do processo de modo mais sensível (Moura *et al.*, 2025). Segundo Turchetti e colaboradores (2022), quando a música é utilizada de forma intencional e terapêutica, permite ao enfermeiro oferecer uma assistência mais empática e personalizada. Elementos como som, ritmo e melodia atuam como meios de comunicação que ultrapassam a linguagem verbal, facilitando a expressão de sentimentos e o fortalecimento do vínculo afetivo entre as partes envolvidas. Essa interação contribui para uma compreensão mais ampla das necessidades humanas, favorecendo o cuidado integral.

A inserção da música na enfermagem está alinhada às Políticas Públicas de Saúde, como a Política Nacional de Humanização (PNH) e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), que incentivam o uso de terapias integrativas no cuidado ao paciente (Brasil, 2017; Brasil, 2025). Ambas reforçam princípios como a escuta qualificada, o acolhimento e a valorização da subjetividade, ou seja, fundamentos que a musicoterapia coloca em prática de forma concreta no cotidiano da assistência.

Apesar da musicoterapia poder ser aplicada por diversos profissionais da saúde, músicos amadores e profissionais (Batalha *et al.*, 2022), é a enfermagem que passa a maior parte do tempo com o paciente e por isso, tem um papel relevante em proporcionar conforto a eles e para a família que também acompanham o processo da doença. A musicoterapia irá auxiliar na expressão das emoções, comunicação e focar em aspectos saudáveis do paciente. Porém, é importante lembrar da individualidade do paciente, dando a ele o poder de escolha da música, isso promove efeito benéficos aos familiares e pacientes, além disso cria um vínculo entre paciente e enfermeiro (Turchetti *et al.*, 2022).

Um relato de experiência mostrou que o som do violino, visualmente alterava as emoções de pacientes, equipe e alunos que realizaram um projeto no ambiente hospitalar. Além disso, relataram que músicas sobre fé e espiritualidade, como exemplo citaram a “*Hallelujah*” de Leonard Cohen, emocionavam os pacientes (MastellaGhedin *et al.*, 2022). Adicionalmente, apesar desse estudo ser recente, 2022, quando o projeto foi realizado a equipe estava com receio da reação dos pacientes, mas com o desenvolvimento das atividades musicais, passaram a apreciar o trabalho o que melhorou a integração da equipe, dos profissionais e dos pacientes, deixando o ambiente com harmonia.

Como conclui Moura e autores (2025) em seu estudo:

[...] é possível observar que a humanização do cuidado em saúde, especialmente na prática da enfermagem, representa um caminho eficaz para a promoção do bem-estar físico, emocional e social dos pacientes. A música, nesse contexto, surge como uma tecnologia de cuidado viável, acessível e de grande potencial terapêutico, capaz de atuar na redução do estresse, da ansiedade e de sintomas físicos, como náuseas e alterações nos sinais vitais. Além disso, contribui significativamente para a criação de um ambiente hospitalar mais acolhedor e menos traumático, tanto para os pacientes quanto para seus acompanhantes.

A atuação do enfermeiro como facilitador desse processo, por meio da escuta sensível, da observação contínua e do conhecimento técnico, reforça a importância da integração de práticas complementares, como a musicoterapia, à assistência de enfermagem. Assim, evidencia-se que investir em abordagens inovadoras e humanizadas é fundamental para transformar o cuidado em saúde, tornando-o mais empático, resolutivo e centrado nas reais necessidades do ser humano.

Além dos pacientes, precisamos lembrar dos enfermeiros que lidam com longas jornadas de trabalho e em um ambiente cheio de pressão, estresse, ansiedade e ainda, por estarem em constante contato com cenas onde a doença causa dor e tristeza. A revisão de Batalha e colaboradores (2022) *apud* Taets *et al.* (2013), evidenciou níveis elevados de estresse e casos de depressão em estudantes e até profissionais da área da saúde. Esse estudo observou que a música, aplicando técnicas de improvisação e recriação musical com canto e teclado, utilizando diversos gêneros musicais durante os intervalos dos profissionais, tiveram um efeito positivo na diminuição do estresse e aumento no nível de satisfação pessoal. Pois, a humanização deve-se começar pelos profissionais da saúde para que eles consigam, de fato, proporcionar um atendimento humanizado. Para De Andrade Ponta e Del Llano Archondo (2021), a música permite ao enfermeiro ressignificar o ato de cuidar, transformando-o em uma experiência estética e emocional. A prática musical estimula a empatia e a solidariedade, elementos essenciais para uma assistência humanizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura permitiu compreender que a música, quando utilizada de forma terapêutica, atua como uma poderosa ferramenta de humanização do cuidado, favorecendo a comunicação, o alívio da dor, o controle da ansiedade e o bem-estar físico e emocional dos pacientes.

Ao longo da pesquisa, observou-se que a musicoterapia se consolidou como uma prática científica reconhecida pelo Ministério da Saúde, integrando o conjunto das Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) desde 2017. Sua aplicação no contexto da enfermagem amplia as possibilidades de cuidado, pois une arte e ciência em benefício do ser humano, promovendo uma assistência mais sensível, empática e centrada na pessoa.

Com base na análise realizada, entende-se que a musicoterapia é um recurso eficaz, acessível e humanizador, que deve ser incorporado de forma sistemática às práticas de enfermagem e às políticas públicas de saúde, contribuindo para a consolidação de um modelo assistencial mais ético, solidário e sensível às necessidades humanas.

Recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a relação entre musicoterapia e resultados clínicos mensuráveis, assim como os relatos dos protocolos de aplicação da musicoterapia em diferentes contextos, ampliando as evidências sobre seus efeitos fisiológicos e psicológicos. Além disso, sugere-se a inserção da temática nos currículos de formação em enfermagem, preparando os futuros profissionais para utilizar a música como instrumento terapêutico e relacional.

Em suma, a musicoterapia representa uma ponte entre ciência e sensibilidade, reafirmando a essência do cuidado em enfermagem: cuidar do ser humano em sua totalidade, com empatia, respeito e amor.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE JÚNIOR, H. Eficácia terapêutica da música: um olhar transdisciplinar de saúde para equipes, pacientes e acompanhantes. *Rev Enferm*, UERJ, v. 26, n. 1, 2018.
- BARCELLOS, L. R. M.; SANTOS, M. A. C. A musicoterapia no Brasil. *Brazilian Journal of Music Therapy*, v. 32, p.4–35, 2022.
- BATALHA, J. C. R., *et al.* Musicoterapia e seus efeitos no ambiente hospitalar. *Research Society and Development*, v. 11, n.6, e12411626747, 2022.
- BÍBLIA SAGRADA. Livro Sagrado A.T.; São Paulo. A M editora. 2. ed. 317- 328. 1Samuel 16:14-23.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. *Inclui a musicoterapia na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC)*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 mar. 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 15.126, de 8 de janeiro de 2025. *Dispõe sobre a ampliação da Política Nacional de Humanização (PNH) no Sistema Único de Saúde*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2025.
- CALDEIRA, E. M. M., *et al.* The use of music therapy as an alternative treatment for alzheimer's disease: A systematic review. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, p. 2423-2431., 2024.
- CAMPOS, L.; NAKASU M. Efeitos da utilização da música no ambiente hospitalar: revisão sistemática. *Revista Sonora*, v. 6, n. 11, p. 1-11, 2016.
- CASATE, J. C.; CORRÊA, A. K. Humanização do atendimento em saúde: conhecimento e prática dos profissionais de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 13, n. 5, p. 729–736, 2005.
- COSTA, L. R. A Musicoterapia nos Cuidados Paliativos Pediátricos: uma revisão de literatura. *Revista Neurociências*, v. 32, p.1-22, 2024.
- COUTINHO, M., *et al.* Os Benefícios neuroplásticos da música na regulação de sintomas depressivos e ansiosos em adultos. *Inova Saúde*, v. 14, n. 5, 2024.
- COUTO, L. V.; TAVARES, M. C. H. Musicoterapia na doença de Parkinson: uma revisão sistemática. *Revista Ciências da Saúde - CEUMA*, v. 2, n.2, p.43-55, 2024.

DE ANDRADE PONTA, G.; DEL LLANO ARCHONDO, M. E. A musicoterapia no ambiente hospitalar: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 16–32, 2021.

DIAS, N. A. S.; CIPULLO, M. A. T.; JURDI, A. P. S. Efeito da musicoterapia em crianças com autismo: uma revisão de escopo. *Psicologia em Estudo*, 30, 2025.

FU, Y. *et al.* Music therapy in modulating immune responses and enhancing cancer treatment outcomes. *Frontiers in immunology*, v. 16, 2025.

HEUERT, S. K. *et al.* Musicoterapia, uma intervenção não farmacológica que pode promover a melhora da qualidade de vida em pacientes com a doença de Alzheimer: uma revisão sistemática. *Revista Saúde (Santa Maria)*, v.51, e72055, 2025.

IBGE. Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos | *Agência de Notícias*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>>.

IBIAPINA, A. R. S. *et al.* Efeitos da musicoterapia sobre os sintomas de ansiedade e depressão em adultos com diagnóstico de transtornos mentais: revisão sistemática. *Acta Paul Enferm*, 35, 2022.

JAPIRA, D. F.; FERREIRA, A. C. B. H. Música terapêutica como medida de enfrentamento para pacientes sob cuidados oncológicos. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 70, n. 3, 2024.

LIMA, B. I. V. *et al.* Intervenções criativas na oncologia: estudo de revisão sobre as possibilidades de atuação do psicólogo hospitalar. *Práxis em Saúde*, v. 3, n. 2, 2025.

LOPYOLA, C. M. D.; OLIVEIRA, R. M. P. Florence Nightingale e a arte de enfermagem: texto e contexto da Inglaterra Vitoriana. *Esc Anna Nery*, v. 25, n. 4, p. 20200152, 2021.

MASTELLAGHEDIN, A. A. F. *et al.* O uso da musicoterapia como forma de humanização na enfermagem: Relato de experiência. *Revista Nursing*. v. 25, n. 295, p. 9076-9080, 2022.

MOURA, M. F. C. *et al.* Os benefícios da musicoterapia na assistência ao paciente no âmbito hospitalar. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 11, n. 5, p. 1700–1710, 2025.

MUSZKAT, M.; CARRER, L. R. J. O cérebro musical: por uma neurociência da música aplicada à saúde. *Revista Ciências da Saúde Ceuma*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 80–101, 2024.

PEREIRA, R. A. Panorama brasileiro da musicoterapia na terceira idade: uma revisão de literatura. *A musicoterapia no Espírito Santo*, p. 101, 2025.

PINHEIRO, G. D. *et al.* Eficácia da musicoterapia como ferramenta de cuidado em Enfermagem. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, Brasil, São Paulo, v. 8, n. 18, p. e081866, 2025.

RODRIGUES, I. P. *et al.* Potencialidades da musicoterapia no tratamento oncológico: uma revisão narrativa. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 8, n.1, p. 01-12, 2025.

TURCHETTI, H. A. Musicoterapia em Cuidados Paliativos. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 5, p. 37923-37935, 2022. Disponível:
<https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1866/1539>. Acesso em: 10/05/2025.

UBAM. *União Brasileira das Associações de Musicoterapia*. Definição Brasileira de Musicoterapia, 2018.

WFMT. *World Federation of Music Therapy*. President presents: Announcing WFMT's NEW Definition of Music Therapy. 2011.